

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 2 Maio - Agosto 2024

APRESENTAÇÃO

## Mais fragmentos de uma arqueologia negra participativa em andamento no Brasil

Lara de Paula Passos\*, Patrícia Marinho de Carvalho\*\*

Com alegria cumprimentamos mais uma vez a população leitora da Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), e pedimos licença às ancestralidades para apresentar a segunda parte do dossiê Arqueologias Negras: Nossas Lutas, Nossas Histórias, produzido em colaboração com a Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo).

Pudemos observar, ao longo deste período entre os volumes, profícuos desdobramentos, que em grande medida também atestam a necessidade da proliferação de iniciativas semelhantes em contextos variados na arqueologia brasileira. Perceber movimentações entusiasmadas e propositivas envolvendo a materialização deste anseio coletivo produz vislumbres de um futuro ancestral cerzido em tramas complexas e persistentes, compondo trançados firmes de resistência e presença.

A convergência entre a valorização e a mobilização social em defesa do patrimônio arqueológico afrodiaspórico, juntamente com a produção de conhecimento acadêmico a partir de dentro das comunidades tradicionais, revelam a complexidade e a profundidade das narrativas presentes na arqueologia contemporânea desenhada nesse dossiê negro. É nesse entrelaçamento de vozes, memórias e lutas que se constrói um panorama multifacetado e profundo, capaz de desvelar novas perspectivas e potenciais transformadores. A união desses fios condutores revela não apenas a importância da preservação do passado, mas também a urgência de dialogar com o presente e vislumbrar um futuro mais inclusivo e consciente de sua história.

Abrimos o diálogo com uma breve recapitulação histórica no texto “Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo), 2018-2024: retalhos históricos de movimentações coletivas”, cuja finalidade é de documentar e publicizar momentos importantes para a construção da NegrArqueo. Esse registro episódico não pretende essencializar os últimos seis anos nas contribuições descritas, mas frisar alguns instantes vitais para a própria elaboração e desenvolvimento da rede, ainda em continuum.

Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva Simoni dá continuidade ao volume com o texto “Os quilombos na diáspora e o papel da arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa”,

\* Doutoranda em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFMG). É integrante e representante da Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo). E-mail: [laradepaulapassos@gmail.com](mailto:laradepaulapassos@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5710-8608>.

\*\* Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT-MAE-USP). É integrante e representante da Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo). E-mail: [patymarinho@gmail.com](mailto:patymarinho@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5862-7584>.

contextualizando pela própria experiência a existência dos remanescentes de quilombo enquanto atravessada por questões de raça e racismo, vulnerabilidades sociais, culturais e históricas. Suas reflexões enquanto integrante da parcela preta e quilombola atravessam-se aos saberes adquiridos enquanto pesquisadora arqueóloga, a autora constela referências a serviço do que chama de “papel social de qualquer ciência e organização” que consiste na promoção de reflexões objetivadas em mudanças sociais, políticas, econômicas e comportamentais.

A discussão expande seus contornos teóricos na sequência com o trabalho de Livia Radane, “Transgredindo arqueologias: narrativas outras como práticas libertadoras”, no qual a autora situa a arqueologia como espaço político de aprendizagem mútua-plural e aponta as ranhuras decorrentes das limitações hegemônicas, analisando estruturas de criação epistemológica, o indivíduo construtivo e as intersecções (Akotirene, 2019) que abarcam dentro de uma ciência arqueológica, a colonialidade no pensar, ensinar e produzir. A discussão de abordagens pedagógicas alternativas se faz presente a partir da construção de elementos responsivos ao questionamento: A arqueologia, de fato, pode ser vista como elemento funcional na desconstrução do pensamento colonial?

“Arqueologia com pipoca: construções de gênero e raça no cinema” é o título do artigo seguinte deste volume, de autoria de Débora Blois. O trabalho envereda por campos distintos de investigação acerca do universo arqueológico, tangendo suas análises à esfera midiática, mediante suas construções e representações nas produções cinematográficas. Seu levantamento proporciona o tensionamento dos discursos, naturalizações e silêncios que contribuem para o racismo estrutural e a invisibilidade de gênero no constructo da arqueologia enquanto disciplina acadêmica.

Patrícia Marinho e Rossano Lopes Bastos pronunciam-se na composição “Sítio arqueológico do quilombo Saracura: a insurgência do movimento negro pelo direito à memória na cidade de São Paulo”, encerrando a sessão de artigos do dossiê. A partir da prática dialógica em contato direto não apenas com o contexto do resgate arqueológico do sítio Saracura/Vai-Vai, identificado durante obras de implantação da Linha 6 do metrô de São Paulo, mas também as movimentações contemporâneas em defesa do sítio promovidas pela organização comunitária dos moradores do Bixiga, sob o lema: “Metrô, sim, mas sem destruição do patrimônio histórico”. Abordando a valorização de territórios afrodiáspóricos referenciais do patrimônio cultural e histórico nacional, fundamentais para o fortalecimento e (re) conhecimento desta e das gerações futuras da memória e história de africanos e descendentes neste país, promove uma breve revisão da legislação pertinente e destaca a importância da mobilização social e colaborativa nesse processo.

Ainda, contamos com a colaboração da nota de pesquisa “A emergência da história negra por meio do projeto Memórias da Terra: Patrimônio Arqueológico da Comunidade de Vila Velha do Cassiporé”, de autoria de Jelly Juliane Souza de Lima.

Concluindo as publicações deste tomo, temos o orgulho de comportar a tradução das palavras do prof. dr. Akinwumi Ogundiran, arqueólogo da Universidade Northwestern, em circunstância da Conferência de Abertura do XXII Congresso da SAB, realizado em 13 de novembro de 2023, em Florianópolis, fornecido cordialmente pelo autor e pelo tradutor Marcos Leitão de Almeida. A fala, originalmente intitulada “The Ties That Bind Us: An Archaeological History of Yoruba Cosmopolitanism and Implications for South Atlantic Collaboration”, serviu de inspiração e fomento para a ampliação e fortalecimento de conexões diaspóricas entre agências negras individuais e coletivas nas rotas Brasil-África de produção de conhecimento situado, e celebra bons ventos futuros no contexto de uma arqueologia negra coletivamente atuante no Brasil que possa também alçar voos de reconhecimento e alcance para além das barreiras territoriais nacionais.

Ao percorrer as páginas desse volume e mergulhar nas reflexões e narrativas apresentadas, torna-se evidente que a arqueologia contemporânea vai muito além da mera investigação do passado. Ela se revela como uma ferramenta poderosa para a construção de pontes entre diferentes saberes, experiências e perspectivas, possibilitando a ressignificação do patrimônio cultural e a promoção de uma história mais plural e inclusiva. O diálogo entre academia, comunidades tradicionais e movimentos sociais emerge

como um caminho fecundo para a desconstrução de narrativas hegemônicas e a valorização das vozes historicamente silenciadas. Assim, ao finalizar essa jornada pelas tramas e tessituras da arqueologia contemporânea, somos convidados a vislumbrar um horizonte de possibilidades, em que o passado e o presente se entrelaçam em um constante movimento de reflexão, transformação e reconstrução de narrativas, mirando um futuro diferente e mais promissor, no qual a diversidade de vozes e experiências seja verdadeiramente valorizada e celebrada.

Desejamos uma boa leitura a todos.

Belo Horizonte, janeiro de 2024

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.